
**Metodologia Proforext/Prosemeia e os Jovens Agentes Locais de formação (ALFS):
empoderamento juvenil e transformação nos territórios rurais**

**Proforext/Prosemeia Methodology and Young Local Training Agents (ALFS): youth
empowerment and transformation in rural areas**

**Metodología Proforext/Prosemeia y Jóvenes Agentes Locales de Formación (ALFS):
empoderamiento y transformación juvenil en zonas rurales**

Camila Traesel Schreiner ¹ <https://orcid.org/0000-0002-6514-983X>

Graciella Corcioli ² <https://orcid.org/0000-0002-3375-0700>

Gabriela Coelho-de-Souza ³ <https://orcid.org/0000-0002-7652-9475>

¹ Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, Brasil, camilatraesel@gmail.com.

² Universidade Federal de Goiás, Goiânia/Go Brasil, graciellacorcioli@ufg.br

³ Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, gabrielacoelho.ufrgs@gmail.com

Recebido em: 28/08/2025

Aceito para publicação em: 28/09/2025

Resumo

O artigo descreve e analisa a metodologia do ProforEXT e seu impacto no empoderamento de jovens Agentes Locais de Formação (ALFs) em territórios de assentamentos da reforma agrária e comunidades tradicionais. Por meio de uma abordagem participativa, o programa articula saberes acadêmicos e tradicionais, capacitando jovens como mediadores estratégicos entre instituições de ensino e comunidades rurais. Os resultados evidenciam que os ALFs desempenham um duplo papel: como agentes de transformação territorial e atores políticos na organização e mobilização social. Sua atuação promove a agroecologia, facilita o acesso a políticas públicas e fortalece as estruturas organizativas comunitárias. Esta estratégia demonstra eficácia na permanência qualificada da juventude no campo, na redução das desigualdades territoriais e no fomento ao desenvolvimento sustentável, alinhando-se diretamente com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Palavras-chave: Assentamentos; juventude rural; extensão universitária; curricularização da extensão.

Abstract

This article describes and analyzes the ProforEXT methodology and its impact on the empowerment of young Local Training Agents (ALFs) in agrarian reform settlement territories and traditional communities. Through a participatory approach, the program combines academic and traditional knowledge, training young people as strategic mediators between educational institutions and rural communities. The results demonstrate that ALFs play a dual role: as agents of territorial transformation and as political actors in social organization and mobilization. Their work promotes agroecology, facilitates access to public policies, and strengthens community organizational structures. This strategy proves effective in retaining qualified youth in rural areas, reducing territorial inequalities, and fostering sustainable development, directly aligning with the Sustainable Development Goals (SDGs).

Keywords: settlements; rural youth; university extension; extension curricularization.

Resumen

Este artículo describe y analiza la metodología ProforEXT y su impacto en el empoderamiento de jóvenes Agentes Locales de Capacitación (ALF) en territorios de asentamientos de reforma agraria y comunidades tradicionales. Mediante un enfoque participativo, el programa combina conocimientos académicos y tradicionales, capacitando a jóvenes como mediadores estratégicos entre las instituciones educativas y las comunidades rurales. Los resultados demuestran que los ALF desempeñan un doble papel: como agentes de transformación territorial y como actores políticos en la organización y movilización social. Su trabajo promueve la agroecología, facilita el acceso a políticas públicas y fortalece las estructuras organizativas comunitarias. Esta estrategia resulta eficaz para retener a jóvenes cualificados en zonas rurales, reducir las desigualdades territoriales y promover el desarrollo sostenible, en directa consonancia con los Objetivos de Desarrollo Sostenible (ODS).

Palabras clave: asentamientos; juventud rural; extensión universitaria; curricularización de la extensión.

Introdução

O Grupo de Trabalho Mecanismos de engajamento da juventude e fortalecimento da sucessão nos territórios rurais foi proposto no 11º Encontro da Rede de Estudos Rurais realizado em Vitória da Conquista, Bahia, em 2025. Esse Grupo de trabalho partiu dos fatores relacionados ao êxodo rural da juventude

como o acesso desigual à educação, à saúde, ao lazer e às oportunidades profissionais, a defasagem estrutural entre campo e cidade (Whitaker; De Souza, 2006; Crisostimo *et al.*, 2009; Breitenbach; Corazza, 2017; Favareto *et al.*, 2024). Ao mesmo tempo, a recente Política Nacional de Juventude e Sucessão Rural (Brasil, 2025) reconheceu a juventude rural em suas necessidades e especificidades, sendo um importante marco na dinamização de políticas públicas para a juventude rural.

O presente artigo é motivado pelas seguintes questões propostas pelo Grupo de Trabalho: Como a implementação de políticas públicas visando o fortalecimento da juventude rural vêm contribuindo para a permanência dos jovens nos territórios rurais? Quais políticas são mais eficazes? A Agroecologia, a produção de sistemas agroflorestais e os produtos da sociobiodiversidade se constituem em políticas com interesse dos jovens rurais? Elas contribuem para a permanência em seus territórios? (Coelho-de-Souza; Almeida, 2025).

Neste contexto, o objetivo deste artigo visa analisar o fortalecimento da juventude a partir da implementação do ProforExt, apresentando o desenho desta e Contribuições para a Agenda 2030” (Silva *et al.*, 2025). O trabalho está organizado em 3 seções, além desta introdução. A primeira apresenta o ProforExt, ressaltando o papel dos Agentes Locais de Formação. A segunda apresenta as experiências de implementação nas diferentes regiões do país. Por fim, apresentam-se as considerações finais.

Proforext: O programa e a metodologia de fortalecimento da juventude em seus territórios

O Programa de Formação em Ater para Assentamentos de Reforma Agrária e Contribuições para Agenda 2030 (ProforExt) é uma iniciativa pioneira de 16 instituições de ensino superior em conjunto com o Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA), Instituto Nacional de Colonização de Reforma Agrária (INCRA) e Movimentos Sociais, que tem como objetivo transformar a realidade dos assentamentos rurais e comunidades quilombolas e

indígenas numa estratégia inédita de integração entre o conhecimento acadêmico e os saberes ancestrais dos povos e comunidades tradicionais⁴. As ações estão alinhadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas, principalmente pela erradicação da pobreza e redução das desigualdades, através da produção e distribuição de alimentos saudáveis, na constante busca pela fome zero e agricultura sustentável.

O ProforExt desenvolveu uma metodologia participativa e adaptativa que valoriza os saberes locais e integra ensino, pesquisa e extensão. Embora mantenha princípios comuns em todas as instituições participantes, sua aplicação é flexível e ajustada às particularidades de cada território, considerando diferenças socioeconômicas, culturais e ambientais. Essa abordagem garante que as ações sejam contextualizadas, potencializando seu impacto na realidade dos assentamentos e comunidades tradicionais, com destaque para o papel central dos jovens dos assentamentos, os quais assumem o papel de Agentes Locais de Formação (ALFs), desempenhando atividades de mediação entre a universidade e as comunidades. Os principais eixos metodológicos que compõem essa abordagem são apresentados a seguir.

a) Formação e estruturação das equipes: As equipes são compostas de forma multidisciplinar, incluindo coordenadores regionais, professores supervisores, estagiários, recém formados e, principalmente, os Agentes de Formação Local (ALF), que são jovens assentados ou membros das comunidades selecionados para atuar como multiplicadores. Um aspecto importante é que os ALFs são indicados pelas próprias comunidades, garantindo que os agentes tenham legitimidade e aceitação local. A formação inicial abrange temas essenciais como agricultura familiar, reforma agrária, agroecologia, políticas públicas e metodologias de ATER, estabelecendo uma base conceitual e técnica alinhada aos princípios do programa.

⁴ Destaca-se que, em setembro de 2025, quando da submissão deste artigo, o programa iniciou uma nova etapa, ampliando sua abrangência com a inserção de novas instituições e passando a adotar a denominação **ProSemeia**.

b) Diagnóstico participativo e pactuação com as comunidades: O processo começa com um cuidadoso levantamento das características locais através do Diagnóstico Rural Participativo (DRP). As equipes realizam visitas técnicas aos assentamentos e comunidades selecionadas, onde aplicam instrumentos como entrevistas, oficinas e matrizes de análise. Estas etapas iniciais permitem mapear demandas concretas e estabelecer pactuações coletivas sobre as prioridades de intervenção.

c) Planejamento coletivo das ações: Com base nos diagnósticos, as equipes constroem planos de ação organizados em eixos estratégicos. No âmbito técnico-produtivo, destacam-se formações em agroecologia e manejo sustentável. Para acesso a políticas públicas, trabalha-se a regularização fundiária e acesso a créditos. Já no eixo de educação e gestão, abordam-se temas como economia solidária e processamento de alimentos. Todo o planejamento é feito de forma coletiva, garantindo que as atividades propostas respondam às reais necessidades locais.

d) Execução de atividades com enfoque prático: Na fase de implementação, as ações combinam capacitações teóricas com práticas demonstrativas. Os ALFs assumem papel central na mobilização comunitária e no repasse dos conhecimentos. São realizadas oficinas técnicas, implantação de unidades demonstrativas e intercâmbios entre comunidades. Paralelamente, fortalecem-se as articulações com instituições parceiras para viabilizar o acesso a políticas públicas e tecnologias adaptadas. Um diferencial importante é a integração das atividades com o currículo acadêmico, através da curricularização da extensão.

e) Monitoramento, sistematização e avaliação contínua: O acompanhamento ocorre através de múltiplos instrumentos: registros fotográficos, relatórios periódicos e reuniões de avaliação com as comunidades e com as equipes. Esses mecanismos permitem ajustes contínuos das ações.

f) Articulação interinstitucional e estabelecimento de parcerias locais: Um dos pilares da metodologia do ProforExt é a construção de redes colaborativas com organizações e instituições regionais. Essa articulação se dá por meio de: a)

parcerias com órgãos públicos: INCRA, EMATER, secretarias municipais de agricultura e meio ambiente, visando facilitar acesso a políticas públicas, regularização fundiária e ambiental (CAF, CAR, CCU) e linhas de crédito; b) cooperação com movimentos sociais: MST, CPT, MCP, MPA, federações e associações comunitárias e cooperativas, fortalecendo a organização coletiva e a comercialização solidária (PAA, PNAE); c) vínculos com instituições de pesquisa: institutos agrônômicos, universidades e IFs, para troca de conhecimentos técnicos e inovações adaptadas à agricultura familiar. d) apoio de entidades locais: sindicatos rurais, grupos de mulheres e jovens, garantindo que as formações atendam às demandas específicas de gênero e geração. Essa rede de colaboração amplia o alcance do programa ao mesmo tempo em que assegura a sustentabilidade das ações, criando um ecossistema de apoio contínuo às famílias assentadas.

Os Agentes Locais de Formação são peças-chave na metodologia do ProforExt, assegurando: a) mediação cultural: tradução de linguagens técnicas para o cotidiano das famílias; b) sustentabilidade: formação de lideranças locais que dão continuidade às ações; c) empoderamento: jovens e mulheres assumem protagonismo na gestão territorial.

Ao examinar esses componentes metodológicos em conjunto, evidencia-se que possui um formato participativo, flexível e adaptativo, capaz de articular ensino, pesquisa e extensão na promoção da justiça social e sustentabilidade nos assentamentos, com ênfase no diálogo de saberes. O ProforExt destaca-se não apenas por sua capacidade de fortalecer a agricultura familiar e a agroecologia, mas também por impulsionar a formação e liderança de jovens nas localidades onde atua, especialmente por meio dos Agentes Locais de Formação (ALFs).

Esses agentes, indicados pelas próprias comunidades, tornam-se mediadores essenciais, garantindo que o conhecimento técnico seja apropriado e adaptado às necessidades locais. Além disso, o programa contribui para a curricularização da extensão universitária, integrando estudantes e docentes em processos formativos

que dialogam diretamente com os desafios dos territórios. Dessa forma, o ProforExt apresenta-se como um programa transformador, alinhado aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), ao mesmo tempo em que respeita e se molda às múltiplas realidades territoriais no Brasil.

Experiências de implementação do proforext nas diferentes regiões do Brasil

Para compreender a diversidade territorial e social onde o ProforExt foi implementado, foi realizada uma análise dos assentamentos e comunidades tradicionais atendidos por cada Regional representada pelas instituições de ensino. Cada instituição adotou sua própria metodologia de levantamento de informações e diagnóstico, em sua maioria utilizando ferramentas participativas de consulta. Foram considerados aspectos como localização geográfica, características sociais, fatores ambientais, dinâmica social e organizativa, perfil produtivo, além das condições das famílias assentadas e de seus lotes. Entre os elementos analisados, destacam-se o acesso à infraestrutura básica, o tamanho e uso dos lotes, os sistemas de produção adotados, a diversificação das atividades agropecuárias e as estratégias de comercialização.

Um panorama das condições socioeconômicas e ambientais dos territórios foi traçada evidenciando as particularidades regionais e os desafios enfrentados pelos assentados e comunidades tradicionais atendidas, especialmente no que se refere ao acesso a políticas públicas, produção agropecuária, comercialização e outros aspectos fundamentais para sua reprodução social. A seguir, são apresentadas as principais características das famílias, assentamentos e comunidades tradicionais atendidas, organizadas por região do Brasil: Centro-Oeste, Nordeste, Norte, Sudeste e Sul.

Atuação do proforext na Região Centro-Oeste do Brasil

Na região Centro-Oeste, o ProforExt atua por meio da Universidade Federal de Goiás (UFG) e da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). O ProforExt, através da UFG, é implementado em uma comunidade quilombola e quatro assentamentos distribuídos pelas regiões do Centro, Noroeste e Sul goiano. Essas comunidades apresentam uma produção diversificada, com destaque para a pecuária leiteira, horticultura, quintais produtivos e cultivos de subsistência, organizados por meio de associações, cooperativas e movimentos sociais como o MST, CPT, FETAEG e FETRAF-GO.

Apesar desse potencial produtivo, os assentamentos e comunidades atendidas enfrentam desafios estruturais significativos, como acesso limitado à água, precariedade de estradas e ausência de saneamento básico. A moradia também é um entrave, com muitas famílias construindo suas casas com recursos próprios, mas necessitando de projetos para melhoria das condições dessas habitações rurais. Além disso, a regularização fundiária e ambiental, bem como o acesso a crédito e políticas públicas, são demandas recorrentes, fundamentais para fortalecer a produção e garantir segurança hídrica.

Diante desse cenário, o ProforExt da Regional UFG tem desenvolvido ações estratégicas, incluindo oficinas e formações técnicas de reprodução de animais, produção de ovos, manejo do solo e agroecologia, complementadas por diagnósticos participativos e projetos de habitação rural em parceria com estudantes de arquitetura. Essas iniciativas contam com o engajamento dos Agentes Locais de Formação (ALFs) e são realizadas em articulação com instituições como o MDA, o INCRA e movimentos sociais. Como resultados, observa-se maior participação dos jovens nas atividades formativas, o surgimento de novas lideranças locais e a produção de conhecimento, com artigos e trabalhos apresentados em eventos. Esses avanços têm contribuído para a permanência dos jovens no campo, o fortalecimento da organização comunitária e a promoção da sustentabilidade nos territórios atendidos.

Atuação do proforext na Região Nordeste do Brasil

Na região Nordeste, o ProforExt atua por meio de três universidades federais em territórios distintos. A Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) concentra suas ações na Zona da Mata, abrangendo sete municípios distribuídos entre a Mata Norte, Região Metropolitana e Agreste Setentrional. A Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr) atua no norte do Piauí, especificamente nas proximidades do Delta do Parnaíba, enquanto a Universidade Federal de Sergipe (UFS) desenvolve atividades na Grande Aracaju, Sul Sergipano e Agreste Central. As comunidades atendidas apresentam características particulares em cada estado. Em Pernambuco, 58,6% das famílias atendidas são chefiadas por mulheres, em sua maioria pardas e pretas, organizadas através de movimentos como MST, CPT e FETAPE. Os assentamentos, em diferentes fases de consolidação, mantêm produção diversificada, sendo os principais cultivos milho, feijão e mandioca. Estes enfrentam desafios como regularização fundiária e acesso a créditos. A Regional UFRPE respondeu com a implantação de corredores agroecológicos, restauração florestal e emissão de CAFs em parceria com o IPA, além de fortalecer a participação feminina e juvenil por meio dos ALFs.

No Piauí, a UFDPAr trabalha com comunidades tradicionais, valorizando saberes locais na implantação de Sistemas Agroflorestais e tanques de aquicultura em recirculação. A Regional estabeleceu Unidades Técnico-Pedagógicas e ecomuseus que integram conhecimento tradicional e científico, promovendo a integração comunitária e o desenvolvimento de indicadores econômicos para unidades produtivas familiares.

No Sergipe, a Regional UFS superou a desconfiança inicial no PA Marcelo Déda, onde famílias tinham experiências negativas anteriores. Através de mutirões, emitiu documentos de CAF e realizou oficinas técnicas, com destaque para o manejo de bananeiras, principal cultura local. A Regional também fortaleceu grupos

de mulheres com cursos de compostagem e produção de rosas do deserto, além de promover intercâmbios agroecológicos.

Os desafios regionais incluem carência de assistência técnica (68% das famílias atendidas em Pernambuco sem nenhum acesso), infraestrutura precária e dificuldades de comercialização. Apesar disso, os resultados mostram avanços significativos: em Pernambuco, ampliou-se o acesso à ATER agroecológica; no Piauí, valorizaram-se os saberes tradicionais para fomento da comercialização; e no Sergipe, transformou-se a relação das comunidades com políticas públicas.

Cada instituição trouxe contribuições locais: a UFRPE no trabalho com gênero e agroecologia; a UFDPAr na integração de saberes; e a UFS na abordagem participativa. Juntas, demonstram como o ProforExt promove desenvolvimento territorial sustentável no Nordeste, superando desafios históricos com estratégias adaptadas à realidade local.

Atuação do Proforext na Região Norte do Brasil

Na Região Norte, o ProforExt desenvolve suas ações por meio de duas instituições federais, cada uma com enfoque em realidades distintas da Amazônia. A Universidade Federal do Pará (UFPA) atua na microrregião de Tomé-Açu, atendendo famílias ribeirinhas e comunidades tradicionais cujas atividades produtivas combinam agroextrativismo (açaí, mandioca, dendê) com cultivos anuais em sistemas de corte-e-queima. A Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA) concentra-se em assentamentos da Amazônia Oriental, onde famílias enfrentam vulnerabilidade socioeconômica e pressão de grandes produtores, com lotes bastante heterogêneos (de 2 a 60 hectares), sendo os principais cultivos, a mandioca, o açaí e a laranja.

Os desafios são marcantes em ambos os contextos: apenas 5% das famílias atendidas pela UFPA têm acesso à ATER, enquanto a UFRA identifica baixa escolaridade e uso inadequado do fogo para limpeza de áreas. Problemas como

regularização fundiária (falta de Contrato de Concessão de Uso - CCU e Cadastro Ambiental - CAR), dependência de atravessadores para comercialização e expansão de monocultivos (especialmente dendê) limitam o desenvolvimento local. A infraestrutura precária – com acesso por estradas de terra e hidrovias – e conflitos internos nas associações comunitárias agravam a situação, além de ameaças externas como projetos portuários e tráfico de drogas em algumas áreas.

Apesar dos obstáculos, os resultados demonstram avanços significativos. A Regional UFPA viabilizou a emissão de 44 CCUs e 10 CARs no PA Olho d'Água II, além de oficinas sobre manejo de açaí e políticas públicas, fortalecendo o protagonismo dos Agentes Locais de Formação (ALFs). A UFRA, por sua vez, capacitou assentados em práticas sustentáveis e diversificação produtiva, com diagnósticos participativos que mapearam cultivos de até 18 espécies em alguns lotes. Ambas as instituições promoveram a integração universidade-comunidade. As contribuições específicas de cada Regional destacam-se: a UFPA pelo trabalho com regularização ambiental e valorização do agroextrativismo, e a UFRA pelo foco na diversificação produtiva e redução do uso do fogo. Juntas, essas ações evidenciam o papel do ProforExt na promoção de alternativas sustentáveis para os assentamentos amazônicos, enfrentando desafios históricos como a precariedade institucional e a pressão sobre os recursos naturais.

Atuação do proforext na região sudeste

Na região Sudeste, o ProforExt atua por meio de sete instituições de ensino, acompanhando realidades diversas. O Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) atua na Zona da Mata, Centro-Oeste, Sul e Sudoeste de Minas Gerais, onde trabalha com assentamentos rurais cujas famílias possuem mais de 20 anos de experiência agrícola. Essas comunidades desenvolvem atividades diversificadas, sendo principalmente avicultura, fruticultura, cafeicultura e piscicultura, em lotes que variam entre 5 a 20 hectares. Apesar da longa experiência, estes enfrentam

dificuldades como o desconhecimento de políticas públicas e a dependência de renda não agrícola. Apenas 15% das famílias já receberam assistência técnica, e há forte interesse em capacitação sobre manejo sustentável e agroecologia.

A Universidade Federal Fluminense (UFF) atua nas Baixadas Litorâneas do Rio de Janeiro, acompanhando assentamentos onde se destaca o envelhecimento da população agrícola, com cerca de 60% dos agricultores tendo mais de 50 anos. Comunidades como o P.A. Cambucaes enfrentam graves problemas de documentação, quase metade dos atendidos não possui documentação regularizada do lotes e a maioria carece de documentos fundamentais como a CAF. A produção é limitada pela degradação do solo, com baixa produtividade do gado leiteiro e cultivos de subsistência. A situação é agravada por alagamentos frequentes, dificuldade de acesso à água potável e um sistema de coleta de lixo precário, que leva à prática de queima de resíduos. Apesar desses obstáculos, há participação ativa em capacitações, especialmente de mulheres e jovens interessados em turismo rural como alternativa econômica.

A Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", da Universidade de São Paulo (ESALQ/USP) atua no Nordeste e Oeste Paulista, atendendo a assentamentos com perfis distintos. Nos mais antigos (como o PA Fazenda Reunidas, criado em 1988), predominam lotes de 18-20 hectares com produção leiteira consolidada. Já nos assentamentos recentes (como o PDS Milton Santos), as famílias mantêm estratégias pluriativas, dividindo-se entre trabalho urbano e produção de hortaliças em lotes menores (cerca de 1 hectare). Cerca de 70% das famílias demonstram interesse em acessar créditos de fomento, especialmente o Fomento Mulher e Jovem, mas enfrentam entraves burocráticos para regularização fundiária.

O Instituto Federal de São Paulo (IFSP) atua nas mesorregiões de Bauru e Itapetininga, onde 65% das famílias dependem de poços próprios para abastecimento de água. Nos assentamentos atendidos, a horticultura e bovinocultura leiteira são as principais atividades, mas a comercialização é limitada

pela falta de certificações sanitárias. Cerca de 40% das famílias estão organizadas em cooperativas, mas enfrentam desafios como solos degradados por monocultivos anteriores e falta de infraestrutura para processamento. O programa tem incentivado a transição agroecológica, com a implantação de SAFs em lotes atendidos.

A Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) acompanha três assentamentos e uma comunidade quilombola no Sudeste do estado de São Paulo. Nestas comunidades, a produção diversificada de hortaliças, milho, feijão e soja convive com sérios problemas de regularização fundiária. A elaboração do guia "Passo a Passo para Regularização de Lotes" tem colaborado para auxiliar no enfrentamento das pendências documentais.

O Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - campus pertencente à Universidade Estadual Paulista, em São José do Rio Preto (UNESP SJRP), atua em regiões de agricultura convencional consolidada, onde predominam médios produtores (22-65 anos) acostumados a monoculturas com alto uso de insumos químicos. Nos assentamentos atendidos nas mesorregiões de São José do Rio Preto e Bauru, a maior parte da área é dedicada à cultura de cana-de-açúcar e pastagens, em grande parte degradadas. O programa vem implantando unidades demonstrativas de agroflorestas, combinando frutíferas com hortaliças e culturas anuais, o que já resultou em aumento na renda das famílias.

A Faculdade de Ciências Agrárias do Vale do Ribeira, campus da Universidade Estadual Paulista (UNESP VR), trabalha com comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, como São Pedro e Morro Seco. No Quilombo São Pedro, a produção de banana e palmito pupunha é a principal atividade, comercializada através da COOPERQUIVALE. Já em Morro Seco, onde mais da metade dos residentes têm apenas ensino fundamental incompleto, a maioria das famílias depende de trabalho temporário externo e aposentadorias. Ambas comunidades mantêm roças de coivara (queimada controlada) e enfrentam desafios

como autos de infração por praticarem esse tipo de cultivo tradicional e ameaças de grandes empreendimentos (como a UHE Tijuco Alto e projetos de mineração) (Morgado *et al.*, 2025).

Os assentamentos da Região Sudeste compartilham desafios estruturais: enfrentam problemas de regularização fundiária, acesso precário à água, falta de infraestrutura adequada para comercialização e a idade avançada entre os moradores da maioria das comunidades, com exceção de alguns assentamentos paulistas onde há maior participação jovem. O ProforExt tem respondido a essas demandas através de: 1) capacitações técnicas; 2) apoio à regularização e encaminhamento de projetos de fomento; e 3) implantação de tecnologias sociais (como SAFs e fossas ecológicas em unidades demonstrativas). Nas comunidades quilombolas, destacam-se ações de valorização cultural e apoio à comercialização via PAA/PNAE. Os resultados nessa região evidenciam progressos como a maior organização comunitária, a diversificação produtiva e aumento da participação de jovens.

Atuação do proforext na região sul do Brasil

A região Sul do Brasil apresenta um cenário diversificado nos assentamentos rurais, onde desafios estruturais convivem com potenciais de desenvolvimento. Neste contexto, o ProforExt atua por meio de três instituições de ensino - Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), no Paraná, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) no Rio Grande do Sul - enfrentando realidades distintas que vão desde situações de precariedade estrutural e envelhecimento populacional até os impactos de desastres climáticos. Esta atuação regionalizada busca conciliar o conhecimento tradicional com inovações, criando soluções adaptadas às particularidades de cada território.

Na região Oeste do Paraná, a Regional UTFPR identificou assentamentos com população envelhecida (média de 53,2 anos) e baixa presença juvenil (0,5 jovens por lote em média), onde apenas 58,7% dos jovens demonstraram interesse em permanecer no campo. A bovinocultura e a produção de soja/milho predominam em propriedades com média de 15,3 hectares, mas 72,5% das famílias complementam a renda com atividades externas. Os principais obstáculos incluem infraestrutura precária (23,8% com estradas ruins), falta de documentação (23,2% sem regularização) e desafios produtivos em solos pedregosos. Como respostas, o programa colaborou com a distribuição de 4.500 mudas e realizou capacitações em gestão produtiva, com destaque para o engajamento de jovens.

O IFRS, atuando no Norte gaúcho, encontrou realidades contrastantes: no Assentamento Dom Orlando Dotti, 84% das moradias são de madeira, 40% não têm água encanada, 22% não tem banheiro e 11% esgoto a céu aberto. Enquanto no Assentamento Seguidores de Natalino 100% possuem energia elétrica e fossa séptica, 95% tem água encanada e 85% moram em casas de alvenaria. A produção de grãos (soja, milho) e leite enfrenta baixa produtividade e dificuldades de comercialização, agravadas pelo isolamento geográfico. O programa respondeu com formação técnica em manejo animal e processamento de alimentos, além de estimular a agroindustrialização, embora enfrente resistência na articulação comunitária.

Na região Metropolitana e Sul do RS, a Regional UFRGS lidou com cenários críticos pós-enchentes de 2024, que destruíram plantações, moradias e infraestrutura em assentamentos localizados em áreas de planície de inundação (Coelho-de-Souza *et al.*, 2025). Famílias que já desenvolviam produção orgânica e participavam de coletivos, como o Grupo Mulheres da Terra, trabalharam em ações coletivas de solidariedade e reconstrução. O programa priorizou ações emergenciais, tendo como foco central a construção de planos de contingência (Schreiner *et al.*, no prelo), incluindo diagnóstico de danos e captação de recursos,

enquanto promovia ações de promoção de saúde e segurança alimentar e nutricional, viveiros de espécies nativas e SAFs como estratégia de reconstrução resiliente. Os ALFs tiveram papel central na mediação entre o movimento, a Universidade, as lideranças dos territórios e as instituições governamentais.

Os resultados na região Sul evidenciam avanços na profissionalização de ALFs, implantação de tecnologias adaptadas e fortalecimento de cadeias produtivas locais. A Regional UTFPR obteve sucesso no engajamento juvenil, estimulando a permanência de jovens no campo, enquanto a Regional IFRS avançou na diversificação produtiva e a Regional UFRGS na construção de respostas às mudanças climáticas, e protagonismo de mulheres e jovens ALFs. Contudo, persistem desafios comuns como o envelhecimento rural, a fragilidade organizacional e a vulnerabilidade ambiental, exigindo políticas continuadas de desenvolvimento territorial. A experiência da Região Sul destaca a importância de abordagens diferenciadas que valorizem os saberes locais articulados com inovações tecnológicas, apontando caminhos para um desenvolvimento rural mais inclusivo e sustentável na região.

Considerações finais

O ProforExt configura-se como uma experiência inovadora ao articular instituições de ensino com comunidades rurais, com foco na valorização e fortalecimento da juventude do campo. Os jovens Agentes Locais de Formação (ALFs), indicados por suas comunidades, assumem um papel estratégico como atores políticos no cenário local. Ao mediar saberes, fomentar práticas agroecológicas e articular demandas coletivas, os ALFs contribuem para a construção de alternativas sustentáveis de desenvolvimento territorial. Nesse processo, estes impulsionam a participação social e o acesso a políticas públicas em suas comunidades ao mesmo tempo em que passam a se reconhecer como sujeitos

ativos de transformação, estimulando-se mutuamente a permanecer e a construir futuros no campo com dignidade e protagonismo.

Referências

BRASIL 2025 **Lei nº 15.178, de 23 de julho de 2025** institui a Política Nacional de Juventude e Sucessão Rural e o Plano Nacional de Juventude e Sucessão Rural. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2025/lei/115178.htm. Acesso em: 01 de setembro de 2025.

BREITENBACH, R.; CORAZZA, G. Perspectiva de permanência no campo: estudo dos jovens rurais de Alto Alegre, Rio Grande do Sul/Brasil. **Revista Espacios**, v. 38, n. 29, 2017. COELHO-DE-SOUZA, Gabriela et al. Aprendizados sobre sociobiocotidiano e juventude de assentamentos atravessados pela emergência climática: diálogo entre movimento da juventude e de gênero, agroecologia e curricularização da extensão. In: SILVA, Ana Cláudia de Lima et al. **ProforExt: Programa Nacional de Formação em ATER para Assentamentos de Reforma Agrária e Contribuições para a Agenda 2030**. Goiânia, GO: Cegraf UFG, 2025. Disponível em: <https://portaldelivros.ufg.br/index.php/cegrafufg/catalog/book/788>. Acesso em: 25 jun. 2025.

COELHO-DE-SOUZA, Gabriela, ALMEIDA, Ruth Helena Cristo. Síntese do Grupo de Trabalho 14 Mecanismos de engajamento da juventude e fortalecimento da sucessão nos territórios rurais. **11º Encontro da Rede de Estudos Rurais**. Vitória da Conquista, 2025. Disponível em: <https://redesrurais.org.br/encontro11/wp-content/uploads/2025/08/Sintese-GT-14.pdf>. Acesso em: 15 set. 2025.

CRISOSTIMO, Ana Lúcia et al. Capacitação de jovens rurais nas escolas de ensino médio da região Centro-Sul do Paraná. **Revista Publicação**, v. 2, n. 1, 2009.

FAVARETO, Ariane; VALENCIA, Mireya; FAVARETO, Arilson. Juventudes rurais: o que diz a literatura e algumas questões para uma agenda de pesquisas e de políticas. **Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas**, [S. l.], v. 44, n. 2, p. 242–263, 2024. DOI: 10.37370/raizes.2024.v44.891. Disponível em: <https://raizes.revistas.ufcg.edu.br/index.php/raizes/article/view/891>. Acesso em: 5 maio. 2025.

MORGADO, Paulo Vinicius de Jesus et al. Agroecologia e sustentabilidade no território caipira: formação e práticas em agrofloresta e saúde do solo. In: SILVA, Ana Cláudia de Lima et al. **ProforExt: Programa Nacional de Formação em ATER para Assentamentos de Reforma Agrária e Contribuições para a Agenda 2030**. Goiânia, GO: Cegraf UFG, 2025. Disponível em: <https://portaldelivros.ufg.br/index.php/cegrafufg/catalog/book/788>. Acesso em: 25 jun. 2025.

SCHREINER, Camila Traesel et al. Ação social no enfrentamento à catástrofe climática de maio de 2024 na Região Metropolitana de Porto Alegre: construção do plano de contingência do Assentamento Filhos de Sepé para a resiliência socioambiental. **Sustentabilidade em Debate**, no prelo.

SILVA, Ana Cláudia de Lima *et al.* **ProforExt: Programa Nacional de Formação em ATER para Assentamentos de Reforma Agrária e Contribuições para a Agenda 2030**. Goiânia, GO: Cegraf UFG, 2025. Disponível em: <https://portaldelivros.ufg.br/index.php/cegrafufg/catalog/book/788>. Acesso em: 25 jun. 2025.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta; DE SOUZA, Marinaldo Fernando. A permanência dos jovens nos assentamentos de reforma agrária: um rosário de equívocos. **Retratos de Assentamentos**, v. 9, n. 1, p. 113-125, 2006.

Agradecimentos:

Às agricultoras e agricultores assentados e comunidades tradicionais. Ao MDA e Incra pelo apoio ao ProforExt. Às equipes do ProforExt/ProSemeia pelo aprendizado conjunto e pela parceria na implementação do Programa. À CAPES pelo apoio via bolsa do Programa Institucional de Pós-Doutorado (PIPD).

Contribuição dos autores:

Autor 1: Elaboração, discussão dos resultados, revisão do texto.

Autor 2: Elaboração, discussão dos resultados, pesquisa bibliográfica, revisão do texto

Autor 3: Elaboração, Supervisão, discussão dos resultados, pesquisa bibliográfica, revisão do texto

Disponibilidade dos dados:

Os dados da pesquisa estão disponíveis no corpo do artigo
